



A (NÃO) PARTICIPAÇÃO DISCENTE EM OLIMPIADAS CIENTÍFICAS E A FORMAÇÃO ACADÊMICA: UMA ANÁLISE SOBRE A OPINIÃO ESTUDANTIL DO IFRN-PAAS

Maurício de Azevedo Neto ¹
Rosa Maria da Silva Medeiros ²

INTRODUÇÃO

As olimpíadas científicas são competições destinadas a alunos desde o ensino fundamental até a graduação. Existe uma variedade delas, abordando desde disciplinas básicas como a matemática até assuntos pouco comuns nas escolas, como o caso do ensino da astronomia e astronáutica. No entanto, as olimpíadas possuem um objetivo em comum: estimular e promover o estudo de uma área específica do conhecimento, identificando novos talentos. Seus participantes têm oportunidades para aprimorar conhecimentos e desenvolver habilidades de interpretação textual e raciocínio lógico, por meio da resolução de provas teóricas, como também de cooperação, para àquelas destinadas à participação em grupo. Nesse sentido, considerando a diversidade de olimpíadas existentes e que, além disso, cada uma apresenta particularidades em seu formato, é questionável se a visão dos alunos acerca dessas competições é sempre positiva.

Dessa forma, este trabalho busca discutir se a realização das olimpíadas científicas no IFRN/PAAS funciona como estímulo ao estudo, cumprindo a finalidade a qual esses eventos se propõem. Para tanto, serão analisadas respostas discursivas e objetivas de alunos do curso técnico integrado de informática, para identificação de experiências, positivas e/ou negativas, a respeito da (não) participação nesse tipo de competição. Essas informações são relevantes pois permitem não só a identificação de possíveis deficiências, tanto na estrutura das olimpíadas, quanto em sua realização pelas escolas, como também revelam em quais aspectos esses concursos têm êxito. Assim, é possível traçar metas para que mais alunos se beneficiem com as olimpíadas e/ou pensar em outras ações que sirvam como incentivo ao estudo.

¹ Aluno do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, mauricio.a.neto@hotmail.com;

² Professora orientadora: Doutora, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, roseiros@gmail.com.



METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para desenvolvimento do trabalho, foi feita uma pesquisa documental cujos dados foram coletados a partir de questionários com perguntas objetivas e discursivas em dois momentos de formação de uma mesma turma de alunos do IFRN, campus avançado Parelhas: quando cursam o 1º e o 3º ano. As respostas registradas por esses alunos nesses dois momentos distintos de formação possibilitam a descrição de experiências acerca das olimpíadas com as quais eles ingressam no campus e como se desenvolvem ao longo dos três anos como alunos efetivos do IFRN-PAAS.

O questionário é formado por questões objetivas para mapeamento do interesse e do conhecimento de mundo dos alunos em relação às olimpíadas científicas; e, por questões discursivas, para registro das opiniões estudantis do IFRN-PAAS, sobre a (não) participação deles em olimpíadas científicas e a relação com o desenvolvimento acadêmico.

REFERENCIAL TEÓRICO

O termo “Olimpíada” surge na Grécia Antiga e significa “espaço de tempo de quatro anos”, que está relacionado ao período no qual os jogos olímpicos eram realizados pelos gregos. Não se tem certeza de quando os jogos iniciaram, todavia, a primeira edição historicamente comprovada acontece em 776 a.C. (COLLI, 2004). Porém, no formato de competição do conhecimento, a primeira olimpíada científica foi realizada somente em 1894, na Hungria. A partir daí, foram aparecendo novas olimpíadas nas diferentes áreas do conhecimento, que se popularizaram pelo mundo (SILVA, 2016, p. 22).

Como apontado por Duarte e Galvão (2014, p.131), as competições a inaugurarem o título de “Olimpíadas de Matemática”, no Brasil, acontecem em 1967 e 1969, referindo-se a duas edições de uma olimpíada estadual ocorrida em São Paulo. Em seguida, foram sendo criadas mais competições do tipo, como a Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM) em 1979, e a Olimpíada Brasileira de Química (OBQ), em 1986. Mas somente na segunda metade da década de 1990 é que o surgimento de olimpíadas se intensifica no país (SILVA, 2016, p. 22-24).



Ainda que cada olimpíada apresente peculiaridades em seu *background*, a maioria objetiva estimular o estudo de áreas específicas, realizando provas que premiam participantes que se destacam pelo desempenho positivo nessas provas.

Alguns autores defendem que esse modelo não seja tão benéfico como os organizadores desses eventos sugerem. Para Jafelice (2005), a realização de olimpíadas científicas promove a competitividade e incentiva o individualismo, causando ainda uma grande exclusão dentre seus participantes, defendendo que o estímulo ao conhecimento, objetivado pelas olimpíadas, deve acontecer sem a realização de uma competição.

Maturana (1998, p. 13) afirma que “A competição sadia não existe. A competição é um fenômeno cultural e humano, e não constitutivo do biológico. Como fenômeno humano, a competição se constitui na negação do outro”. No âmbito das olimpíadas, a premiação de um aluno surge da derrota do outro, o que corrobora com a ideia de Jafelice (2005) para propostas educacionais que contribuam para o desenvolvimento acadêmico sem haver rivalidade.

Contrastando essa perspectiva, Soares *et al.* (2014) coleta dados de todas as escolas participantes da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) entre os anos de 2005 e 2013, resultados dos alunos do 9º ano do ensino fundamental de escolas públicas da Prova Brasil de Matemática, notas na prova de matemática do ENEM entre os anos de 2010 e 2012, e o desempenho de alunos brasileiros do PISA em 2009 para montar uma base de dados que relaciona a participação da escola na OBMEP com o desempenho nesses exames. Pôde-se, então, concluir que o envolvimento de uma escola com a OBMEP impacta positivamente a nota de seus alunos em matemática nos referidos exames.

Não existe um consenso entre os autores quanto ao efeito das competições escolares nos estudantes. Possivelmente, este vai depender não somente do formato no qual a olimpíada foi elaborada, mas também da maneira como a escola a desenvolve com seu alunado. Essa questão é relevante para o entendimento de como a experiência em olimpíadas é vivenciada por alunos do IFRN/PAAS. Passemos, então, à análise dos dados desse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise e a discussão dos dados estão organizadas em três partes: primeira, focalizando as respostas dos alunos enquanto cursavam o 1º ano; em seguida, as respostas

dadas ao cursarem o 3º ano e, por fim, na terceira parte, salientando uma análise comparativa entre as respostas que representam a experiência desses alunos ao ingressarem e ao estarem próximos de finalizar o curso no IFRN.

O primeiro formulário obteve 18 respostas, o que corresponde a 50% do total de alunos da turma. Dos respondentes, todos afirmaram saber o que são olimpíadas científicas, mas 11,11% não participaram de nenhuma dessas competições durante o ensino fundamental. Destes participantes, 100% se envolveram com a OBMEP, porcentagem que decaiu para 25% para a Olimpíada de Língua Portuguesa (OLP) e, mais ainda, em outros concursos, como a Olimpíada Nacional de Ciência (ONC), na qual apenas 6,25% do alunado se engajou.

Após serem apresentados à uma lista com 30 olimpíadas que contemplam as mais diversas áreas do conhecimento, 81,25% dos alunos relataram desconhecimento dessa pluralidade de competições. Além disso, essa mesma porcentagem revelou o desejo de ter participado de mais olimpíadas científicas no decorrer de seu ensino fundamental. Finalizando a área objetiva do formulário, apenas 16,67% sinalizaram não desejar participar de olimpíadas durante sua passagem pelo IFRN, enquanto 38,89% e 44,44% responderam sim e talvez, respectivamente.

Em pergunta subjetiva “Para mim, as olimpíadas científicas são...”, 16 alunos explanaram sobre o significado das olimpíadas. Vejamos, a seguir, as respostas mais recorrentes. Como posicionamento positivo, obteve-se as seguintes respostas: “Uma oportunidade de aprimorar minha vida acadêmica.”; “São muito importantes, além de adquirir mais conhecimento de uma forma desafiadora e divertida, podem nos abrir muitas portas.” e “Uma forma de colocar em prática muitas coisas que aprendeu e uma motivação para se empenhar mais nos estudos.”. Já como posicionamento negativo, evidenciou-se os seguintes relatos: “Muito chatas” e “Um processo seletivo de grande concorrência e dificuldade”.

Já o segundo formulário contou com a participação de 22 alunos – 78,5% do total da turma. Nesse novo recorte, 2 alunos afirmaram não saber o que são olimpíadas científicas. Também se manteve um cenário bem similar ao primeiro formulário: Todos que sabiam o que eram essas competições, participaram de pelo menos uma dela em seu ensino fundamental, onde, mais uma vez, a OBMEP figura o repertório de todos, enquanto outros eventos como a Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica (OBA) e a Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) aparecem em segundo plano, atingindo somente 10% e 5%, respectivamente.



Novamente, ao serem apresentados a uma lista com 30 olimpíadas tocantes a todas as áreas do conhecimento, 90% dos alunos alegaram que não tinham conhecimento sobre tal diversidade dessas competições e 95% gostariam de ter participado de mais eventos como esses durante seu ensino fundamental. Concluindo o segmento das perguntas objetivas, 5% afirmaram não querer ter participado de olimpíada no IFRN, contra 45% que alegaram talvez e 50% que informaram que sim.

Respondendo à pergunta subjetiva “Para mim, as olimpíadas científicas são...”, 20 alunos explicitaram seu ponto de vista sobre tais competições. Não foram registrados posicionamentos negativos. Em contrapartida, como posicionamentos positivos mais recorrentes, obteve-se: “São importantes para descobrir novos talentos nas diversas áreas”; “São um estímulo ao aluno para testar seus conhecimentos e conseguir buscar novas experiências e saberes”; “São importantes tanto como incentivo ao conhecimento, quanto para surgimento de oportunidades”.

Além disso, os alunos também foram perguntados de quais olimpíadas gostariam de ter participado, donde extraiu-se vários pareceres, como: “Gostaria de participar, por exemplo, das olimpíadas de química ou biologia, além das de matemática.”; “Todas que aparecerem”; “Todas”.

Inicialmente, é possível observar que, em contraposição com a concepção dos alunos no 1º ano, no 3º ano eles já não possuem nenhuma visão negativa sobre as olimpíadas. Fato esse que decorre, possivelmente, da melhor estrutura ofertada pelo IFRN para a realização delas, quando comparada às das escolas das quais os alunos são oriundos. Pelo mesmo motivo, é possível, talvez, justificar o aumento na porcentagem de alunos no 3º que gostariam de participar/ter participado de outras olimpíadas.

É relevante mensurar que 100% dos alunos participaram da OBMEP, fato que, decerto, decorre da ampla divulgação e gratuidade em sua inscrição. Em contrapartida, seria indispensável que o alunado tivesse acesso a olimpíadas de outras áreas do conhecimento, haja vista que, sendo o principal objetivo das olimpíadas o estímulo ao estudo, é necessário que os alunos saibam da existência e participem de outras olimpíadas que não somente as de matemática. Só assim é possível identificar uma quantidade maior de novos talentos.

Por fim, vale salientar que, em ambos os formulários, nenhum aluno apontou indícios de competitividade entre os participantes, seja em uma perspectiva positiva ou negativa. Isto



contraria a tese defendida por Jafelice (2005), de que as olimpíadas afloram um instinto individualista nos competidores e impulsionam, de forma prejudicial, a competitividade entre os participantes. Isto decorre, talvez, da distância temporal entre a produção deste artigo e do estudo de Jafelice: em mais de 15 anos surgiram novas competições, com públicos e formatos distintos, o que possivelmente influenciou na percepção de como os alunos enxergam as olimpíadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível observar que a maioria dos estudantes possui uma visão positiva quanto às olimpíadas científicas. Dessa forma, espera-se que este estudo sirva como orientação e reflexão para que a comunidade escolar possa trilhar caminhos de forma a permitir que as olimpíadas científicas atinjam mais alunos e impactem com maior veemência às suas vidas enquanto estudantes. Além disso, que este artigo sirva como base para futuros estudos que abordem a mesma temática, mas levando-se em consideração a visão que o corpo docente possui quanto a (não) participação em olimpíadas e o desenvolvimento acadêmico do aluno.

Palavras-chave: Olimpíadas científicas, competitividade, opinião estudantil, IFRN/PAAS.

REFERÊNCIAS

- CANALLE, J. B. G. *et al.* XI Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica. Rio de Janeiro, OBA, 2008.
- COLLI, E. Universo Olímpico: Uma enciclopédia das olimpíadas: 1. ed. Curitiba: Editora Códex, 2004.
- JAFELICE, L. C. Não, às olimpíadas de astronomia. sim, a iniciativas puramente cooperativas. In: Reunião Anual da Sociedade Astronômica Brasileira. Águas de Lindóia: SAB, 2005. v. 25, p. 89. Painel 36.
- MATURANA, H. Emoções e Linguagem na Educação e na Política. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- SILVA, R. C. O estado da arte das publicações sobre as olimpíadas de ciência no Brasil. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/97/o/DISSERTAÇÃO_COMPLETA_-_Renato_Candido_da_Silva.pdf Acesso em 21/05/2020.
- SOARES, C. M. M. *et al.* Impacto da Olimpíada Brasileira de Escolas Públicas (OBMEP) no Desempenho em Matemática na Prova Brasil, Enem e Pisa. Disponível em: <http://server22.obmep.org.br:8080/media/servicos/recursos/420951.o> Acesso em 05/05/2020.